

“PORQUE A NATUREZA É O ALTAR DE TODOS NÓS”: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO ACERCA DAS PRÁTICAS ECOLÓGICAS DESENVOLVIDAS PELA FEDERAÇÃO AFRO-UMBANDISTA E ESPIRITUALISTA DO RIO GRANDE DO SUL.

Lucía Copelotti Guedes**

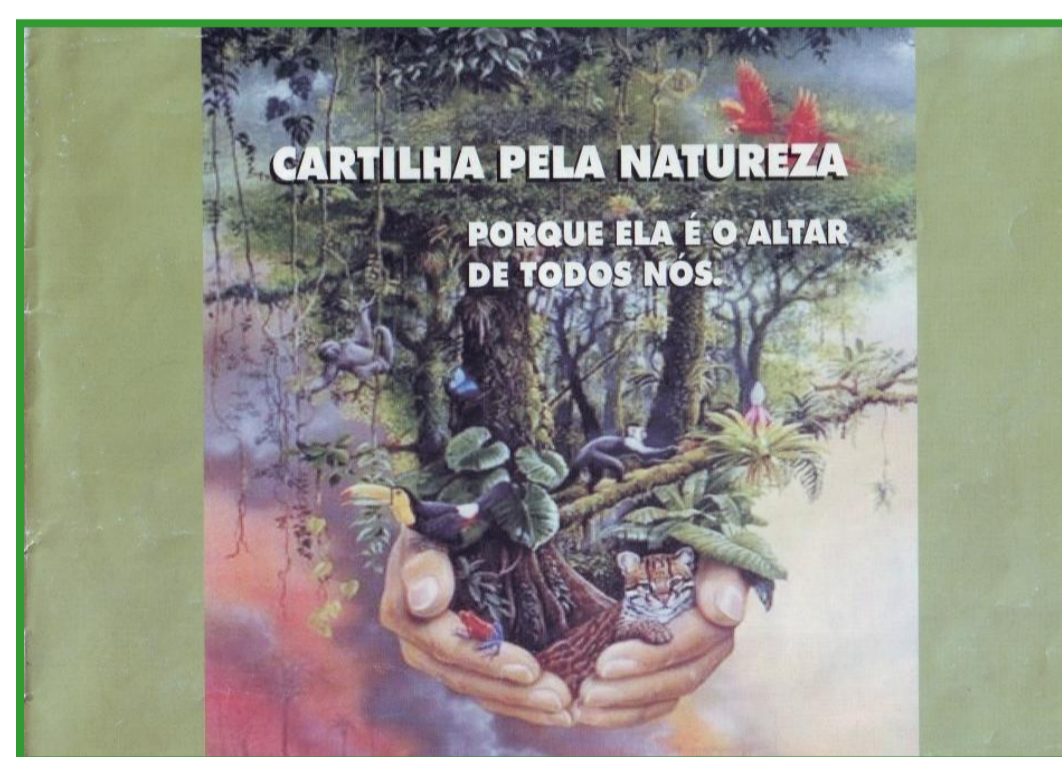


Introdução

O presente trabalho é um desdobramento do projeto de pesquisa Ambientalização Social da Religião, coordenado pelo Professor Carlos Alberto Steil, o qual propõe-se compreender como, a partir da incorporação de um *idioma* ecológico, a questão ambiental é apropriada por diversas instituições religiosas. O recorte aqui privilegiado centra-se na análise das práticas de educação ambiental dos agentes afro-umbandistas e dos significados atribuídos à “Cartilha pela Natureza: porque ela é o altar de todos nós”, elaborada por iniciativa da Federação Afro-Umbandista e Espiritualista do Rio Grande do Sul (FAUERS), em parceria com a Coordenadoria da Diversidade de Canoas (Figura 1) e com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana de Porto Alegre (Figura 2).

Método

O método etnográfico é o instrumento adotado no recolhimento dos dados. Através da observação participante e da aplicação de entrevistas aos principais agentes do campo tem-se acesso às experiências destes indivíduos, de modo a apreender suas trajetórias, seus deslocamentos existenciais e profissionais em direção a certas práticas ambientais e religiosas. Realizou-se trabalho de campo de janeiro a setembro de 2011, acompanhando seis eventos, sendo quatro desses promovidos pela FAUERS.



Fonte: Imagens da FAUERS
Figura 1 - Encarte Cartilha pela Natureza



Fonte: Imagens da FAUERS
Figura 2 - Encarte Cartilha pela Natureza Volume 2



Fonte: Imagens da FAUERS
Figura 3 - Oficina de Confeção de Barco Biodegradável para Lemmanjá

Discussão

A questão ambiental apresenta-se, nesse contexto, como instrumento político capaz de conceder visibilidade às lutas tradicionais das religiões afro-umbandistas. A releitura de antigas categorias, internas ao campo afro-umbandista, a partir da incorporação de um *idioma* ecológico, confere legitimidade a estes agentes e atualiza suas práticas, cuja existência é anterior à própria noção de ecologia. Assim, se no passado tais práticas eram percebidas enquanto elementos constituintes de rituais mágico-religiosos, no contexto atual, elas vão adquirindo novos significados que se situam no campo ambiental. As Figuras 3, 4 e 5 permitem visualizar algumas das práticas ecológicas desenvolvidas pela FAUERS.

Ainda, busca-se analisar e compreender a parceria entre agentes afro-umbandistas e agentes públicos no processo de elaboração e divulgação da cartilha, produto da articulação da religião e das instâncias governamentais, que acabam por revestir a cartilha com um *status* de política pública ambiental.



Fonte: Imagens da FAUERS
Figura 4 - Nossa Senhora das Águas, Coleta na nascente do Arroio Araçá/Canoas



Fonte: Imagens da FAUERS
Figura 5 - Círculo inter-religioso, Coleta na nascente do Arroio Araçá/Canoas

*Bolsista IC/CNPq- Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
** Contato: luciacopelotti@gmail.com

Referências

- COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. Naturalizando a Nação: estrangeiros, apocalipse e o Estado pós-colonial. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, n. 15, ano 7, p.57-106, 2001.
- LEITE LOPES, J. S. Sobre processos de “ambientalização” dos conflitos e sobre dilemas da participação. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 12, n 12, p. 31-64, 2006.